

O marxismo encontra Bourdieu

MICHAEL BURAWOY

Coleção Marx 21

Campinas: Editora da Unicamp, 2010, 184p.

VIVIAN ARANHA SABÓIA*

Defensor de um marxismo heterodoxo, concebido como método de análise da teoria (e prática) social vital para a compreensão das contradições que permeiam o capitalismo, Michael Burawoy é um autor indispensável da sociologia contemporânea. Em sua obra *O marxismo encontra Bourdieu*, publicada em 2010 no Brasil, ele apresenta diálogos imaginários de Bourdieu com Marx e Engels, e diálogos de Bourdieu com teóricos marxistas e alguns sociólogos e intelectuais críticos (Antonio Gramsci, Frantz Fanon, Simone de Beauvoir, Wright Mills). O objetivo é relacionar teoria social e prática política a partir dos conceitos de intelectual orgânico e intelectual “tradicional”.

A empreitada realizada pelo autor se materializou em seis aulas ministradas no Harvens Center e publicadas nessa obra de grande valia. Sua proposta é, acima de tudo, evidenciar as diferentes faces de Bourdieu, tido por ele como o sociólogo mais representativo e influente de nosso tempo. De uma maneira geral, os diálogos imaginários trazem sempre a tentativa de responder às seguintes perguntas: qual é a relação entre teoria e prática entre os intelectuais e seus públicos variados?

Ao longo da obra, Bourdieu é apresentado, dependendo do aspecto em exame, ora como semelhante, ora como discrepante e ora como complementar a Marx. A comparação, ou melhor, o diálogo entre Marx e Bourdieu, se aprofunda, sobretudo,

* Professora da Universidade Estadual do Maranhão.

com a convergência entre as obras *As meditações pascalianas*, de Bourdieu, e *A ideologia alemã*, de Marx e Engels, embora esses livros tragam campos distintos de análise – o primeiro se dedica mais à cultura e o segundo, mais à história, à economia e à filosofia. No campo das diferenças, Burawoy lembra que a relação de exploração, fundamento da luta de classes, foi ocultada por Bourdieu.

No diálogo entre Gramsci e Bourdieu, as convergências entre os dois autores vão desde o repúdio ao que seria um determinismo histórico presente na obra de Marx até a análise das questões sociais a partir do que para Gramsci eram as superestruturas do capitalismo e para Bourdieu, a dominação simbólica. Burawoy chama atenção para a diferença entre as teorias de violência/dominação simbólica (desconhecimento da dominação enquanto tal, violência inconsciente) desenvolvida pelo autor francês e de hegemonia (dominação consciente e consentida) desenvolvida pelo autor italiano. Em particular, Burawoy salienta a mistificação da dominação, defendida por Bourdieu, que tomou como referência sua própria origem social.

Tanto Gramsci como Bourdieu teceram suas considerações sobre o papel dos intelectuais na política e, portanto, na transformação da ordem social. Se o primeiro deles era cético no que se refere ao papel transformador dos intelectuais “tradicionais” e defendia o potencial de transformação do intelectual orgânico, vinculado à massa trabalhadora, o segundo acreditava na sociologia elaborada pelos sociólogos na academia. No seu diálogo com Bourdieu, Burawoy apresenta a sua própria interpretação sobre os dois tipos de intelectuais com base em uma pesquisa feita sobre a consciência das classes trabalhadoras e a fabricação do consentimento nos Estados Unidos e na Hungria. A pesquisa de Burawoy apresenta a construção do trabalho como um jogo enquanto uma das pilastras do consentimento. Sua pesquisa ressalta que essa técnica combate o desânimo e o cansaço e disponibiliza os trabalhadores a efetuarem tarefas que, de outra forma, seriam difíceis e sem sentido. Paralelamente, ela aumenta os lucros da empresa e dissimula as relações contraditórias entre capital e trabalho, produzindo naturalmente o consentimento.

Quando se trata de relacionar Bourdieu e Fanon, Burawoy faz uma nuance tanto no que se refere à origem social e acadêmica dos dois autores – filosofia para Bourdieu e psiquiatria para Fanon – quanto no que diz respeito às distintas imersões que eles vivenciaram no contexto da Argélia colonial onde ambos tiveram uma experiência. A combinação desses dois fatores conduziu a uma interpretação diferenciada com respeito à questão colonial. A obra de Burawoy ressalta a defesa da posição ortodoxa marxista feita por Bourdieu no que concerne o papel revolucionário da classe trabalhadora. Para Fanon, esse papel era atribuído ao campesinato. Isso não impediu que ambos vissem o colonialismo enquanto sistema de dominação em que prevalece a violência. Também abordaram a destruição do campesinato através da expropriação das terras.

No capítulo seguinte, tratando de Bourdieu e Simone de Beauvoir, Burawoy mostra como a análise de Bourdieu sobre a dominação masculina se assemelha –

apesar de Bourdieu considerar o pensamento de Beauvoir um apêndice de Sartre – à análise da autora de *O segundo sexo*. Para o autor, isso ocorre no que se refere à teorização da dominação masculina enquanto violência simbólica, ou seja, inconsciente, dominação não reconhecida enquanto tal. Na verdade, é como se a suposta dominação simbólica exercida por Sartre sobre Beauvoir servisse de desculpa para Bourdieu omitir, na sua obra *A dominação masculina*, a sua própria dívida para com o pensamento beauvoiriano. Entretanto, o silenciamento das mulheres é a principal estratégia de dominação evidenciada e criticada por Bourdieu nessa obra. Para Burawoy, ela seria uma reprise do principal livro de Beauvoir, *O segundo sexo*, por conter as mesmas idéias e combater fortemente a dominação.

Por fim, temos o diálogo entre Bourdieu e Mills. Nele, o autor ressalta a semelhança no quadro teórico que as pesquisas sobre as classes sociais e as estratificações sociais feitas por Bourdieu possuíam com o programa de pesquisa e as subdivisões em classes sociais adotadas por Mills (classe trabalhadora, classe média, elite). A convergência entre os dois autores envolve, igualmente, uma pesquisa empírica rica em consistência teórica sobre as classes dominantes e a forma como elas impõem seus interesses à sociedade em geral. Os diferenciais em termos de abordagens entre esses dois autores se devem, segundo Burawoy, aos diferentes contextos sócio-políticos nos quais cada um escreveu. Para Mills a dominação se vinculava à concentração de recursos e à tomada de decisão pela elite no poder ao passo que, para Bourdieu, a dominação é ocultada pelos dominantes. Burawoy ressalta ainda a grande inovação de Bourdieu, isto é, o estudo das classes sociais como formações culturais e não somente como formações político-econômico-sociais. Bourdieu, como Mills, defende os intelectuais (tradicionais) como os detentores da verdade científica, o que caracteriza, portanto, uma visão elitista do pensamento crítico e reflexivo.

Essas são apenas algumas das questões expostas em *O marxismo encontra Bourdieu*, cujas análises abrem espaço para inúmeros outros questionamentos, comparações e diálogos.

SABÓIA, Vivian Aranha. Resenha de: BURAWOY, Michael. O marxismo encontra Bourdieu. Campinas: Editora da Unicamp, 2010, 184p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.33, 2011, p.141-143.

Palavras-chave: Marxismo; Bordieu; Teoria social; Política.